

03/03/2017 às 05h00

Na próxima vez, o fogo financeiro

Por **Simon Johnson**

No início de 2007, começou a desenvolver-se a pior crise financeira em quase 80 anos, que atingiu seu auge 18 meses depois, com o colapso do Lehman Brothers - e ondas de choque foram sentidas em todo o mundo. Medidas desesperadas do governo nos salvaram da Grande Depressão II e as autoridades governamentais prometeram que "nunca mais" enfrentaríamos os mesmos riscos. Políticos e bancos centrais iniciaram um amplo processo de reforma em nível nacional e coordenação internacional - tudo no intuito de reduzir a possibilidade de colapso de bancos muito grandes.

Uma década mais tarde, o sistema financeiro mundial, sob determinados ângulos, tornou-se mais seguro como resultado desses esforços. Sob outros aspectos, porém, a estrutura não mudou muito - e pode até mesmo ter se tornado mais vulnerável. Mas em vez de concluir o processo de reforma, as autoridades monetárias nos dois lados do Atlântico parecem determinadas a desfazer a maior parte das medidas que sustentam os progressos alcançados.

A década passada produziu três êxitos principais. Primeiro, algumas empresas financeiras faliram, e por uma boa razão: seus modelos de negócios eram ruins, mal administradas ou as duas coisas. Ao mesmo tempo, firmas financeiras mais fortes expandiram sua participação de mercado.

Os grandes bancos ficarão maiores. Os níveis de exigências de capital próprio cairão. E práticas razoáveis de gestão de risco vão sair de moda. Pessoas poderosas inflam e implodem bolhas. Nós podemos esperar mais desigualdade e pobreza induzida por crises

Em segundo lugar, os recursos dos bancos distanciaram-se de endividamento e aproximaram-se de capital acionário. Mais de um banco proeminente tinha, antes da crise, menos de 2% de seus recursos em capital acionário - implicando que mais

de 98% era financiado por dívida. Isso não acontece hoje.

Em terceiro lugar, existem agora restrições às atividades dos maiores bancos. A chamada Regra Volcker impede operações financeiras com recursos próprios - uma forma de especulação interna - por bancos baseados nos EUA. Em outros países, os supervisores bancários ficaram mais céticos quanto à supostamente sofisticada tomada de riscos. A cautela está no ar.

Infelizmente, essas conquistas poderão revelar-se efêmeras. Pessoas poderosas querem eliminar as restrições aos bancos nos EUA e no Reino Unido. Por exemplo, pode-se esperar que a Regra Volcker fique sob grande pressão do Goldman Sachs e de seus muitos ex-executivos que agora ocupam altos cargos no governo americano.

Gary Cohn, ex-presidente e ex-diretor de operações do Goldman Sachs que agora comanda o Conselho Econômico Nacional do presidente Donald Trump, diz que devemos reduzir os requisitos de capital (o que significa admitir mais endividamento e menos capital acionário nos bancos) para impulsionar a economia. Isto foi exatamente o que aconteceu no início dos

LEIA MAIS

Goldman Sachs faz grande mudança administrativa

Ex-Goldman Sachs, Steven Mnuchin deve ir para o Tesouro dos EUA

Goldman Sachs encerra fundo dedicado aos Brics



Mensagens dos leitores

Horário de verão

A economia gerada pelo horário de verão foi de R\$ 159 milhões. Cada brasileiro economizou apenas R\$ 0,20 por mês. O desconforto da troca de horário e a bagunça decorrente de dois horários diferentes no mesmo país não compensaram.

06/03/2017 às 05h00 - José Carlos Saraiva da Costa -

Presidencialismo

Há quem acredite no presidencialismo de coalizão e na existência da mão invisível da política. Aquela que organiza a maioria parlamentar em torno do poder presidencial. Sempre haverá coalizão a favor do presidente, basta organizá-la em troca de cargos, verbas e ministérios, no teatro de sombra da política. Há provas suficientes de que este...

06/03/2017 às 05h00 - Luiz Roberto da Costa Jr. -

Previdência

Na próxima vez, o fogo financeiro | Valor Econômico
anos 2000. Se Cohn prevalecer, as consequências serão semelhantes:
desastre.

Desde 2008, sob aspectos relevantes, o sistema financeiro mundial ficou mais concentrado. Os maiores bancos americanos tiveram bom desempenho em relação a seus concorrentes, inclusive diante de grandes bancos europeus. Como resultado, em mercados-chave - e em toda a infraestrutura financeira essencial do mundo - bancos como o JPMorgan Chase continuam grandes demais para que se permita que sofram falência.



O mundo financeiro parece, por vezes, complicado, mas o que está em jogo é simples. O senador americano Jack Reed resumiu, recentemente, muito bem o cenário. "Meus eleitores não necessitam extravagantes calculadoras ou fórmulas de Wall Street para entender que há um valor e um benefício em reformar Wall Street e manter a ganância imprudente

sob controle. Há valor e benefício em proteger os consumidores e seus salários duramente conquistados. E há valor e benefício em manter uma família em sua casa própria e em evitar retomadas de imóveis por falta de pagamento".

As opiniões dos governantes sobre política econômica são moldadas pela forma como veem o mundo - e o que viveram. Se alguém foi dramaticamente prejudicado por uma crise financeira, é menos provável que tal pessoa deseje passar pela mesma coisa novamente.

Mas se alguém se deu muito bem - comprando ativos baratos no fim do ciclo, por exemplo, ou expandindo sua participação de mercado - parece razoável supor que mostrem-se menos propensos à cautela. Reed colocou exatamente esse aspecto, ao comentar sobre a adequação de Steve Mnuchin - um ex-vice-presidente executivo do Goldman Sachs - ao posto de secretário do Tesouro.

"Uma pessoa que fez sua fortuna agressivamente retomando imóveis de seus concidadãos americanos não possui os valores apropriados, em minha opinião, para ser nosso secretário do Tesouro. Com base em seu histórico, não estou convencido de que Mnuchin seja capaz de "drenar o pântano", e receio que ele possa acabar fraudando o sistema em favor do 1%, em detrimento da classe trabalhadora americana".

Mas o Senado confirmou Mnuchin, o que sugere que estamos prestes a dar a volta completa. Como James Kwak e eu documentamos em nosso livro "13 Bankers", a desregulamentação financeira nos anos 80 e 90 produziu um boom imobiliário no início dos anos 2000; isso preparou o cenário para o desaquecimento financeiro de 2008, que por sua vez deu origem a uma nova onda de reformas em 2010 e depois. As reformas foram sérias; porém não foram longe o suficiente, e podem ser revertidas sem muita dificuldade. O governo Trump está prestes a fazer exatamente isso.

Os grandes bancos ficarão maiores. Os níveis de exigências de capital próprio cairão. E práticas razoáveis de gestão de risco vão, novamente, sair de moda. Pessoas poderosas inflam e implodem bolhas. Nós, os demais, podemos esperar maior desigualdade profunda e mais pobreza induzida por crises.
(Tradução de Sergio Blum)

Simon Johnson, professor do MIT Sloan, foi economista-chefe do FMI e é coautor de "White House Burning: The Founding Fathers, Our National Debt, and Why It Matters to You" com James Kwak. Copyright: Project Syndicate, 2017.

www.project-syndicate.org

<http://www.valor.com.br/opiniao/4885228/na-proxima-vez-o-...>

Se não houver honestidade na apuração dos números da Previdência e uma divulgação completa e sem truques de todos os escaninhos onde ocorrem desperdícios, desvios, abusos, isenções, desonerações, ausência de cobranças devidas, como se pode afirmar que há déficit? Utilizar apenas o argumento de que a população está envelhecendo, embora verdadeiro, não...

06/03/2017 às 05h00 - Ademir Valezi -

Ver todas | Envie sua mensagem

Opinião

Últimas Lidas Comentadas Compartilhadas

Ameaças à regulação financeira 🔑
05h00

Juros e indignação cidadã
05h00

Combate à corrupção, fator de instabilidade e amadurecimento 🔑
05h00

Os três Trumps 🔑
05h00

Ver todas as notícias

Conheça, apoie e doe.

INSTITUTO C.
CINQUENIDADE + CIDADANIA

Acesse e contribua com a nossa causa.

Videos



Inteligência artificial será tão essencial quanto energia elétrica
06/01/2017



Compartilhar

7

Tweet

Share

1

G+

0

Q

